

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 5, Número 2, Jul.-Dez. 2016

ENTRE SINTOMAS, SUSPEITAS E CONFISSÕES: UM OLHAR SOBRE O SUJEITO VICIADO EM INTERNET NOS DISCURSOS DA MÍDIA



AMONG SYMPTOMS, SUSPICIONS AND CONFESSIONS: A LOOK AT THE SUBJECT ADDED ON THE INTERNET IN THE MEDIA SPEECHES

Francisco Vieira da Silva (UFERSA)
Éderson Luís da Silveira (UFSC)
Patrícia Gomes de Mello (UFPB)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 07/01/2017 • APROVADO EM 31/01/2017

Abstract

In this text we propose analysing the discursive production of subject internet addict in the media. To this end, undertake an analytical exercise, based on Foucault, reflections of a strip of Adam Iturrasgarai and discursive sequences taken from news broadcast on the website of the magazine Veja. The analyses indicate that, in the discursive fabric of the media discourse, we have to reflect about the production processes of subjectivities from knowledge arising mainly from the medical discourse.



Resumo

Nesse texto propomos analisar a produção discursiva do sujeito viciado em *internet* na mídia. Para tanto, empreendemos um exercício analítico, a partir das reflexões foucaultianas, de uma tira de Adão Iturrusgarai e de sequências discursivas retiradas de notícias veiculadas no site da revista Veja. As análises indicam que, na tessitura discursiva do discurso midiático, temos como refletir acerca dos processos de produção de subjetividades a partir de saberes advindos principalmente do discurso médico.

Entradas para indexação

MOTS-CLEF: Discourse Analysis. Media. Knowledge.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Mídia. Saber.

Texto integral

PALAVRAS INICIAIS

Não saio de dentro de mim nem pra pescar.

(Manoel de Barros)

Com o formidável desenvolvimento das tecnologias digitais, podemos observar determinados reflexos nos mais variados setores da sociedade. Assim, seja no que se refere às subjetividades que se ancoram de modo crucial na rede, seja nos corolários relativos, por exemplo, à linguagem, às relações interpessoais, ao tempo, ao fluxo de informações, dentre outros, urge reconhecer que a sociedade atual encontra-se forçosamente atrelada ao advento do ciberespaço.

Alargando essa asserção, compreendemos que os usos da parafernália informática e das telecomunicações “constituem estratégias que os sujeitos contemporâneos põem em jogo para se manter a altura das novas coações socioculturais, gerando maneiras inéditas de ser e estar no mundo” (SIBILIA, 2012, p. 51). Tais modos trazem em seu bojo, a um só tempo, as inúmeras vantagens provenientes desse cenário, como também os problemas

que são (re)criados a partir da incessante ligação do sujeito hodierno com as tecnologias digitais.



Esses dissabores recobrem as propaladas enfermidades que envolvem desde o viés físico do sujeito (lesões, sedentarismos, inadequações na postura etc.) até as inflexões de cunho psicossocial (frieza nos relacionamentos face a face, depressão, dentre outras) e desenham um quadro sócio-histórico responsável pela aparição de discursos responsáveis pela objetivação/subjetivação do sujeito viciado em *internet*.

Nesse ínterim, consideramos a mídia como uma prática discursiva na qual esse processo tem ocorrido de maneira vertiginosa. Em virtude disso, objetivamos discutir, nesse texto, a partir da análise de algumas materialidades discursivas midiáticas, o modo através do qual são tecidos discursos sobre o sujeito viciado em tecnologias digitais, com ênfase na *internet*, para entrevermos a constituição identitária desse sujeito numa rede de saberes e de práticas que sobre ele incidem.

No bojo destas discussões se inscrevem reflexões acerca do interesse contemporâneo por questões relativas à saúde. Trata-se, nas palavras de Lipovetsky (2004), de uma preocupação onipresente que se configura na intervenção da ciência médica antes mesmo de aparecerem os sintomas, de modo a informar sobre os riscos e estimular o monitoramento da saúde de forma saudável. Dada tal necessidade, determinadas vitrines midiáticas têm investido fortemente em discutir toda sorte de problemas clínicos, além de postular variadas dietas, exercícios físicos e autoexames, com vistas a engendrar sujeitos que cuidem de si para uma melhor sobrevivência no mundo globalizado.

Neste contexto, emerge toda uma teia midiática que encoraja a produção desses discursos e se corporifica, por exemplo, através de inúmeras campanhas informativas produzidas pelo poder público ou pela iniciativa privada, do discurso de divulgação científica, dos programas de TV que discutem questões relativas à saúde (física e mental), anúncios publicitários de clínicas médicas veiculados em revistas de variedades, dentre outras materialidades discursivas.

Assim, consideramos, na esteira de Foucault (2010a), que esses enunciados, aqui entendidos como a unidade do discurso, estão ancorados, num domínio associado, a outros enunciados que os precedem e os legitimam. Além disso, não deixamos de reconhecer a função primordial exercida pelo saber médico na constituição de discursos sobre o sujeito viciado em *internet*. O olhar médico, nesse sentido, enxerga o sujeito do mesmo modo como se observa os astros ou uma experiência de laboratório, conforme compara Foucault (2001).

Então, cabe destacar que esses discursos e saberes produzem subjetividades, a partir do momento em que tomam determinados sujeitos como objetos de estudo. Nesse texto, procuraremos rastrear as estratégias discursivas presentes em determinados textos midiáticos que visam a propor uma patologização para aqueles que usam a *internet* de maneira excessiva.

SITUANDO SUJEITO E DISCURSO NOS RASTROS DE MICHEL FOUCAULT

Discurso, sujeito e produção de subjetividades são três pilares que revelam a inscrição dos estudos foucaultianos nos terrenos da descontinuidade. Baseado na dispersão característica da descontinuidade histórica, Foucault vai apresentar o sujeito e o discurso como marcados e atravessados pela incompletude, situando-os no campo das transformações ininterruptas. Assim,

Para lançar luzes ao trabalho do analista, torna-se necessário pensar sobre a natureza do discurso. Em Foucault, o discurso é regulado, pois vive de exclusão e sofre interdições. Ninguém tem o direito de dizer tudo e em qualquer lugar à revelia dos contextos em que estiver situado. Por isso, podemos dizer que o discurso é neste autor sujeito a embates entre sujeitos e saberes, e produz significados a partir da materialidade do dito. Dessa forma, os discursos não podem ser vistos como formas de criação espontânea. (SILVEIRA, 2014, p. 43)

Neste contexto, Foucault (2010a) vai caracterizar o enunciado, não enquanto proposição formulada por alguma estrutura linguística através do ato de fala, mas percebido a partir da função enunciativa. Isso porque o enunciado foge à conceituação gramatical, por situar-se no campo discursivo, sem reduzir-se à intencionalidade do falante que enuncia. Para Fernandes (2008), o sujeito discursivo não pode ser confundido com o indivíduo (aquele que tem existência individualizada no mundo), mas enquanto sujeito no sentido de integrar uma instância social.

Trata-se, portanto de acentuar que “compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz” (FERNANDES, 2008, p. 26). Sendo assim, a voz desse sujeito revela o lugar social que ele representa, não como “eu” individualizado, mas a partir do conjunto de vozes que expressa, em dado momento da história.

Dessa forma, podemos dizer que o enunciado vai além das intenções do sujeito (apontando para ele e para a história em que ele está situado) e o discurso, enquanto elemento carregado de historicidade, traz a tona outros discursos e um emaranhado de enunciados de outras épocas anteriores a fala do sujeito que enuncia. Por isso não é a análise do sujeito que fala, mas como ele

é constituído pelo discurso e como os discursos que o atravessam falam de outros lugares, extrapolando os limites da intencionalidade do falante. (SILVEIRA, 2014, p. 44)

Dizer que a voz do sujeito enunciador constitui-se por um conjunto de diferentes vozes remete-nos a pensar também nas mudanças sociais, históricas e culturais que ocorrem com o passar do tempo e possibilitam a aparição de novos discursos no âmbito da produção de subjetividades. Cabe acentuar que é “do enunciado correlacionado a certas leis ou condições de possibilidade que se chega à definição de discurso como o ato que faz existir com ele aquele que fala e aquilo de que se fala” (SOUZA, 2011, p. 31). Temos, então, a partir de Foucault (1996, p. 18), que são os discursos exteriores que produzem subjetividades, determinando, cerceando, modificando, o que leva-nos a constatação de que “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”.

Sendo um enunciado margeado por outros enunciados, cabe acentuar que para que possa ser reconhecido como enunciado é preciso relacioná-lo com um campo adjacente (FOUCAULT, 2010a) e isso implica em reconhecer que não basta que seja pronunciada uma frase para que seja enunciado que não é uma estrutura e deve ser percebido a partir das regularidades e da dispersão em que tem sua existência. Neste contexto, para Fernandes (2008), discurso não é a fala, nem a língua, nem pode se confundir com enunciado, mas deve ser percebido enquanto algo exterior à língua e ao sujeito, mas que precisa da língua para se materializar.

De acordo com Rocha (2012), não importa quem fala, mas o fato de que o dizer não vem de qualquer lugar e pode ser percebido através do jogo de uma exterioridade. Dessa forma, “sujeito e sentido devem ser observados a partir das ocorrências linguístico-discursivas, uma vez que os enunciados apontam para posições-sujeito” (FERNANDES, 2008, p. 34). Trabalhar na escavação de enunciados e na genealogia de discursos que vão sucedendo, entrecruzando-se, aparecendo e desaparecendo com o passar do tempo não é tarefa fácil, pois requer uma abertura para a incompletude e um olhar de observações que reconheçam lugares atravessados pela falta constituinte de toda investigação.

Trabalhar na análise de discursos, para Foucault trata, portanto, de analisar o conjunto de regras que determinam a prática discursiva ou os enunciados do saber na sociedade, em determinados espaços de tempo. Daí o caráter mutável e temporário dos estudos que aqui se propõem a partir do autor. [...] Pensar assim é caracterizar o saber a partir de suas relações com figuras epistemológicas e as ciências, o que possibilita interrogar os modos de instituição e regulamentação do saber, até mesmo

pensando-o a partir de outros e novos feixes de relações.
(SILVEIRA, 2014, p. 47)



No entorno dos estudos discursivos que procuram escavar as relações entre sujeito e discurso, estão as relações de poder e o problema da subjetividade como maneira pela qual o sujeito traz a experiência de si num jogo de verdade, ao relacionar-se consigo mesmo nesta instância. Então, a subjetividade e o sujeito constituem temas centrais para Foucault, pois, “se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si” (REVEL, 2005, p. 85). Nas análises que virão em seguida, procuraremos investigar como ocorrem os modos de produção de subjetividade que nomeiam sujeitos a partir de uma característica em comum: a recorrência exacerbada de utilização da *internet*.

DISCURSOS SOBRE O SUJEITO VICIADO EM INTERNET NA MÍDIA

A análise apresentada toma como *corpus* notícias e reportagens veiculadas no *site* da revista *Veja*. Contudo, nosso olhar centra-se num primeiro momento sobre o discurso humorístico corporificado através do gênero cartum veiculado no *site* da *Folha*. A intenção é cartografar o discurso de patologização do viciado em internet em gêneros discursivos variados. À medida que empreendemos a análise, pretendemos elucidar teoricamente nossas considerações acerca do objeto de estudo. Para tanto, é necessário reiterar que nossas filiações teóricas balizam as reflexões de Michel Foucault e suas repercussões na construção do escopo da Análise do Discurso Francesa.

Para começo de conversa, analisemos a tira a seguir, de Adão Iturusgarai, veiculada em mídias de suporte digital.



Figura 1: Tira de Adão Iturusgarai

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/>>. Acesso em 14. fev. 2014.

Nessa tira, podemos observar a emergência de um discurso que se materializa a partir da união de enunciados verbais e não verbais e evocam representações acerca do sujeito viciado em *internet* que, apesar de estarem em épocas diferentes expressam o “mesmo” discurso sobre a intrínseca relação vida/destruição. Assim, a tira parte de uma perspectiva que compara as drogas nos anos 1970 com o excesso de utilização das redes sociais, jogos e aplicativos existentes na *web* nos dias de hoje. Ao fazer tal analogia, temos remissões à utilização de tais tecnologias como entorpecentes que destroem a vida pessoal do sujeito. Esse efeito de sentido recrudescer a partir da similitude do ponto de vista linguístico, uma vez que ambos os sujeitos da tira expressam-se numa mesma construção sintática: maconha=*face*, cocaína=*twitter*, heroína=*candy crush*. Esses sintagmas apresentam um “mesmo” predicado (arruinaram a minha vida), de modo a reiterar o acúmulo da função enunciativa (FOUCAULT, 2010a) responsável pela instauração de sentidos relativos ao problema das drogas e do vício em *internet* como questões que podem ser abordadas sob o prisma da saúde pública.

Torna-se possível aqui atentar para o fato de que o não verbal corrobora para as discussões que aqui estamos apresentando e isso porque os discursos são imbricados em “práticas não verbais, ali o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto ali a expressão da linguagem se conjuga com a expressão do rosto, de forma a não ser mais possível separar linguagem e imagem” (COURTINE, 2013, p. 31). Em relação ao não verbal, pode ser destacada a aparência aflita dos sujeitos em situação de dependência que constitui um domínio de memória a partir do qual os sentidos são discursivamente tecidos. Cabe aqui situar a noção de memória discursiva conforme postulada por Jean Jacques Courtine, para quem, sob a inspiração no Foucault da *Arqueologia do saber*, um enunciado tem sempre margens povoadas por outros enunciados. Assim, para Courtine (2009), a memória discursiva se distingue da memorização psicológica do sujeito e tem sua existência na relação entre enunciados situados no interior de práticas discursivas.

Neste contexto, considerando o discurso como aquilo que forma os objetos e constituem os sujeitos (FERNANDES, 2012), é possível entrever, através do modo como os sujeitos estão caracterizados, efeitos de memória relacionados, no caso do primeiro sujeito, a uma juventude transviada dos anos 1970, bem como elementos que nos permitem enxergar o segundo sujeito como pertencente à chamada geração Y – profundamente ligada às tecnologias digitais. Entrelaçando esses dois momentos históricos, vislumbramos saberes que produzem subjetividades percebidas através de uma mesma característica em comum: o vício.

Além do exposto, é importante reiterar a forma através da qual esses sujeitos produzem discursos sobre si, o que acaba por atestar o problema que os incomoda. Nesse ínterim, cabe salientar o papel exercido pela confissão no processo de produção de uma verdade sobre si. A confissão, de acordo com as abordagens foucaultianas, constitui-se num “discurso que produz efeitos não naquele ao qual é dirigido, mas naquele mesmo que fala” (PRADO FILHO, 2008, p. 145). A confissão dos sujeitos da tira é responsável pelo modo como eles se reconhecem enquanto sujeitos que tiveram suas vidas solapadas pela utilização abusiva de drogas/*internet*. Com efeito, a confissão é uma das estratégias

mobilizadas pelos discursos midiáticos quando põem em relevo a figura do viciado. Atentamos, dessa forma, para os excertos abaixo transcritos.

Excerto 1: “O mundo paralelo é melhor”

Com 14 anos eu ganhei meu primeiro computador e fui, pouco a pouco, me tornando dependente dele, sem me dar conta da gravidade disso. Há seis meses, desde que concluí a escola e fiquei ociosa, ainda sem saber qual faculdade seguir, passo em média oito horas por dia navegando – e sempre me parece insuficiente. Na internet me refugio da timidez. Tenho um *blog* e frequento as redes sociais, onde já conto com 330 amigos e arranji até namorado. Só me sobrou uma amiga dos meus tempos pré-internet, e as refeições eu faço apenas em frente à tela. Vivo num mundo tão a parte, que confesso, saio à rua e acho tudo estranho. Sou uma pessoa improdutiva, e o mais assombroso é que tenho total consciência disso. Ainda não procurei tratamento, mas talvez seja o caso (Marília Dalabeneta, 18 anos).

Excerto 2: O diálogo dá a dimensão do problema provocado pela dependência da internet, um mal que começa a ganhar relevo estatístico, à medida que o uso da rede se dissemina. Segundo pesquisas desenvolvidas pelo Centro de Recuperação para Dependência de Internet, nos Estados Unidos, a parcela de viciados representa, nos vários países estudados, 5% (como no Brasil) a 10% dos que usam a *web*, na faixa dos 15 a 29 anos.

Disponíveis em: <<http://veja.abril.com.br/240310/quando-rede-vira-vicio-p-110.shtml>>. Acesso em 20. jan. 2014.

Os excertos acima foram retirados de uma notícia publicada no *site* da revista Veja. Neles observamos o mecanismo da confissão atuando no funcionamento do discurso jornalístico. Nesse sentido, a revista toma a confissão da jovem internauta para a construção de sentidos relativos ao problema da dependência de *internet*. A confissão, de acordo com Foucault (2007), constitui-se num ritual em que a enunciação em si produz (independente de suas consequências externas) em que a articula modificações intrínsecas. Pensando no caso do depoimento presente nos excertos, acreditamos que as modificações a que a jovem está suscetível compreendem a necessidade de procurar um tratamento para o vício que a afeta. Ao mesmo tempo, essa confissão acaba por engendrar uma imagem crível para o veículo midiático que a publicou, pois a notícia toma esse discurso direto como um exemplo de um drama (ou “mal”) que diz respeito a outros sujeitos que se tornam evidenciados nos casos mencionados (e quantificados!) pela pesquisa norte-americana.

A alusão a um saber médico, oriundo da pesquisa tratada na notícia, corrobora a intrínseca relação entre saber e poder, conforme preconiza Foucault (2008). Assim, o saber proveniente da medicina constrói o objeto de que fala, isto é, o sujeito viciado em *internet*. Quando a jovem depoente reconhece que necessita de tratamento, ela evidencia a necessidade de recorrer ao saber clínico no intuito de se recuperar do problema que a aflige. Além disso, a simbiose existente com os saberes da estatística objetiva o sujeito viciado como um número na espessa teia de saberes e poderes que sobre ele gravitam.

Sobre os excertos antes explicitados, cabe reiterar ainda a imagem que o sujeito depoente faz de si. A partir do momento em que essa jovem sente-se “improdutiva” e absorta em relação ao mundo real, ela delinea um discurso que se ancora no que Foucault (1999) denomina de biopoder. De acordo com o autor, em suma, trata-se de uma tomada de poder sobre o homem enquanto um ser vivo ou homem-espécie. Esse poder se propõe a gerir a vida, no objetivo de alongá-la, utilizando para isso os mais variados mecanismos. Assim, acreditamos que a preocupação com a questão do uso do excessivo da *internet* está vinculada às estratégias do biopoder que se propõem a tornar os sujeitos produtivos e saudáveis, em consonância com a ordem social vigente.

No excerto a seguir, é possível observar algumas regularidades do ponto de visto discursivo que nos remete aos efeitos de sentido da tira analisada.

Excerto 3: Ainda de acordo com a pesquisa, pessoas viciadas em *internet* são muito mais propensas a apresentar uma variação de humor negativa e um pior estado de espírito imediatamente após desligarem o computador do que indivíduos que usam a *internet* moderadamente. Segundo os autores, esse quadro é semelhante a sintomas de abstinência e reforça ainda mais que essas pessoas sofrem de dependência de *internet*. “Quando essas pessoas se vêem off-line, elas passam a apresentar um humor muito mais negativo, assim como indivíduos que deixam de usar drogas ilegais, como o ecstasy”, disse Phil Reed, professor da Universidade de Swansea na Grã-Bretanha e coordenador do estudo.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240310/quando-rede-vira-vicio-p-110.shtml>>. Acesso em 20. jan. 2014.

Nesse excerto, é possível entrever a emergência de uma analogia também presente na tira anteriormente analisada, pelo fato de o discurso autorizado encontrar semelhanças entre as variações de humor do viciado em *internet* com o usuário de drogas ilícitas. Destarte, entendemos que a constituição do sujeito viciado em *internet* está ancorada de modo particular sobre uma imagem já construída em torno do dependente de substâncias químicas. O saber médico, nesse caso, é de importância indisfarçável para a emergência desse discurso e, por conseguinte, da construção desse sujeito. Trata-se, em suma, de um

problema contemporâneo, pois irrompe a partir da crescente popularização das tecnologias digitais, permitindo-nos pensar que o discurso tem de levar em conta a sua atualidade a fim de encontrar nela seu lugar próprio (FOUCAULT, 2010b).

Outro aspecto que chama a atenção na materialidade discursiva das notícias analisadas diz respeito a uma espécie de teste proposto aos leitores do texto para que estes pudessem se autoavaliar e constatar um possível nível de dependência em relação à *internet*. Algumas das perguntas abaixo transcritas nos permitem verificar a emergência de uma dada produção de subjetividades percebidas a partir de características específicas:

Excerto 4 A rede funciona como uma válvula de escape para você tentar esquecer questões que o perturbam

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Sempre

Excerto 5: Você tenta reduzir a quantidade de tempo que passa na internet, mas não consegue...

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Sempre

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240310/quando-rede-vira-vicio-p-110.shtml>>. Acesso em 20. jan. 2014.

Nesse teste, o leitor da revista pode se identificar (ou não), dependendo das respostas fornecidas, com a imagem construída para o sujeito viciado. Assim, as perguntas levam o leitor a forjar uma imagem de alguém que concebe a rede digital como um espaço de fuga para os dissabores cotidianos ou ainda que tenta diminuir o tempo que fica na internet, porém não logra êxito. Tem-se, assim, o espectro de um sujeito ciente, em certa medida, do seu vício e que tenta (inutilmente!) dele se livrar, de modo semelhante aos discursos que preconizam uma tomada de “consciência” por parte dos usuários de entorpecentes que o levam a procurar um tratamento especializado.

A partir das considerações mencionadas, temos então a emergência de sujeitos enquadrados em grandezas matemáticas que “especificam” o grau de sua dependência. Subjaz nesse tipo de saber o discurso do risco, tendo em vista que todos os leitores em potencial podem estar refém das tecnologias digitais, mesmo que não se deem conta disso. No funcionamento do discurso midiático, o teste invoca para si a função de alertar os leitores acerca do cuidado com a saúde. Esse discurso, por seu turno, engendra “o modelo extremo da subjetividade contemporânea, marcada fatalmente pela propensão à doença e à morte, devendo lutar permanentemente contra sua condenação e obsolescência” (SIBILIA, 2002, p. 195).

Em linhas gerais, partindo da ideia segundo a qual o discurso tem “suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização” (FOUCAULT, 2010a, p. 137), enxertamos a discussão aqui empreendida no âmbito de diferentes análises que tomam discurso midiático como objeto de análise, levando em consideração o fato de esse discurso estar intimamente relacionado numa rede de saberes e de poderes que perpassam a sociedade atual.

Por fim, essa análise aponta para o fato de a construção do sujeito viciado na *internet* na mídia efetivar-se na interface com saberes advindos principalmente do campo da medicina. Assim, para compor determinadas *verdades* acerca do uso desenfreado da *internet*, a escrita jornalística mobiliza de maneira constante discursos ancorados em saberes que perscrutam o sujeito viciado, de modo a constituí-lo, numa incessante tarefa de produção e reconstrução de subjetividades.

PARA (NÃO) FINALIZAR...

O presente trabalho ancorou-se nos estudos de Foucault acerca da produção de subjetividades, para fosse possível a emergência de reflexões em relação à emergência de um tipo de sujeito característico da era digital: o sujeito viciado em *internet*. No bojo das discussões aqui elencadas, encontramos as relações entre sujeitos e poderes institucionalizados pelo discurso médico que autoriza a circulação de discursos sobre este sujeito.

Percebendo o enunciado como lugar de muitas vozes sociais e o sujeito da enunciação como um lugar vazio a ser preenchido, o sujeito passa a ser visto como representante de um conjunto de sujeitos sociais que não pode ser confundido com aquele que diz, pois não é causa nem origem de uma frase. Trata-se, como postulou Foucault (2010a) de um lugar que pode ser ocupado por indivíduos diferentes, que não é definido de uma vez por todas e variável, sujeito a modificações contínuas no decorrer da história.

A partir da observação e descrição das ocorrências e frequências de um sintoma temos o assinalamento da aparição de um conjunto de relações de poder que permeiam as relações sociais e fazem com que o discurso médico (discurso de autoridade) atue na produção de subjetividades em que “o olhar não se detém na mera função de ilustrar a teoria, mas, ao contrário, ao mesmo tempo em que observa, ele próprio funda seu objeto na sensorialidade do saber” (YAZBEK, 2013, p. 59). Finalmente, ao invés de nos pautarmos sobre a verdade como argumento, cabe assinalar, a partir das reflexões aqui propostas que o que torna possível conhecer e aquilo que conhecemos tem seu aparecimento no interior de jogos de verdade e não pode estar separado das redes discursivas por meio das quais os homens historicamente representam as coisas. Isso implica em pensarmos nas relações entre poder e saber, já que

[...] o poder não está ausente do saber – ao contrário, é a urdidura entre *o exercício do poder e a manifestação da verdade* que constitui a relação de forças de nossa sociedade. Assim, o que significa, *para nós*, o fato de nossos julgamentos estarem ligados à exigência da verdade? A “questão política”, dirá Foucault, “não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou a ideologia; é a própria verdade” (YAZBEK, 2013, p. 122, grifo do autor)

Notas

- 1 SÓFOCLES. **Antígona**. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- 2 VAZ, Henrique C. L. A concepção clássica do homem. In: **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991.
- 3 NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsbourg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 4 D’ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 2: teoria da lírica e do drama**. São Paulo: Ática, 2000.
- 5 LUNA, Sandra. **Arqueologia da ação trágica: o legado grego**. 2. ed. João Pessoa: Ideia / Editora Universitária, 2012.
- 6 ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. de Eudoro de Sousa. 7. ed. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- 7 SOUSA, Eudoro. História e crítica literária em Aristóteles: a poética e os escritos congêneres. In: ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. de Eudoro de Sousa. 7. ed. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- 8 ROUBINE, Jean-Jacques. **Introdução às grandes teorias do teatro**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- 9 O termo “mito” é apresentado como “fábula”, em outra versão que também consultamos para nossa discussão. Optamos, no entanto, pela tradução já citada na sexta nota de rodapé deste trabalho. Conferir p. 43.
- 10 LUNA, Sandra. A voz do povo: o papel das multidões na dramaturgia trágica ocidental. In: **Drama social, tragédia moderna: ensaios em teoria e crítica**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- 11 Poderíamos, de modo sucinto, compreendermos o termo **hamartia**, conforme nos aponta Sandra Luna em capítulo em que esta discorre com profundidade sobre o termo, um “erro trágico” que desencadeia a construção da ação trágica.

Referências

- BARROS, M. **O livro sobre nada**. 3ª ed. São Paulo: Record, 1996.
- COURTINE, J. J. **Análise do discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução dos bacharéis em Letras da UFRGS. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.
- _____. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

- FERNANDES, C. A. **Análise de discurso**: reflexões introdutórias. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2008.
- _____. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: _____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285-316.
- _____. **O nascimento da clínica**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Graal Edições, 2007.
- _____. **Microfísica do poder**. 25. ed. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal Edições, 2008.
- _____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- _____. **O governo de si e dos outros**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Márcio Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- PRADO FILHO, K. Uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente. In: RAGO, M.; VEIGANETO, A. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008, p.139-146.
- REVEL, J. **Foucault**: conceitos essenciais. Trad.: Maria do Rosário Gregolin; Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- ROCHA, D. Perspectiva Foucaultiana. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012, p. 47-80.
- SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SILVEIRA, E. L. Pensar com Foucault: história, sujeito e discurso. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 38 - 50, 2014.
- SOUZA, P. **Análise do discurso**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 201.
- YAZBEK, A.C. 2013. **10 lições sobre Foucault**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

Para citar este artigo

SILVA, Francisco Vieira da, Silveira, Éderson Luís da, MELLO, Patrícia Gomes de. Entre sintomas, suspeitas e confissões: um olhar sobre o sujeito viciado em internet nos discursos da mídia. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 2, p. 01-12, jul.-dez. 2016.

Os autores

Francisco Vieira da Silva é doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor da Universidade Federal do Semi-Árido (UFERSA).

Éderson Luís da Silveira é mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Patrícia Gomes de Mello é mestre em Linguística pelo PROLING (UFPB), desenvolve pesquisa embasada na filosofia da linguagem bakhtiniana. É graduada em Letras pela Universidade

Regional do Cariri (URCA). Participa do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária-
NETLLI, na linha de pesquisa: Linguística e Dialogismo. Atua na área de Letras com ênfase em
Linguística e em Língua Portuguesa.